

Na tarde de sexta-feira, 13, os estudantes, apesar de perseguidos pela polícia, percorrem as ruas da cidade distribuindo comunicados, apoiados pela população.

Na tarde de sábado 14 (dia do funeral) mais de cinco mil pessoas, estudantes e trabalhadores, pretendiam dar ao seu camarada Ribeiro Santos o funeral que ele merecia. A polícia de choque carregou a matracada sobre o caixão que seguia em ombros, roubando-o e metendo-o à força no carro funerário, sob o grito unânime da multidão: ASSASSINOS! ASSASSINOS!

Aposar de algumas pessoas se defenderem corajosamente da polícia com pedras e os punhos, os verdugos que chegaram a utilizar os cães conseguiram provocar a dispersão. Seguidamente grupos de centenas de estudantes e trabalhadores percorreram o trajecto de Santos ao cemitério da Ajuda, manifestando-se mais uma vez pelas ruas da cidade com o apoio e adesão da população, gritando "GOVERNO DO POVO SIM!, GOVERNO ASSASSINO NÃO!" "VINGAREMOS RIBEIRO SANTOS!".

A greve geral.

Entretanto tinha sido decidida greve geral até à realização de um Plenário que acaba por se efectuar apesar do aparato policial espalhado pela cidade (buzos por todo o lado, dezenas de carrinhas de choque com cães, carros de água) decretando novamente greve geral na Academia de Lisboa.

Mas, aqueles que pretendiam apaziguar os estudantes (os reformistas) não desistem. Numa altura em que a greve geral era importante em especial para organizar a distribuição de comunicados à população, eles tentam terminar com ela, afastando para aulas e exames muitas centenas de colegas que poderiam aderir à luta. As direcções reformistas das AEs do Técnico e Económicas propoem às Reuniões Gerais de Alunos das suas escolas o levantamento de greve, a troca da reabertura das instalações das Associações, encerradas pelas autoridades para dificultar as lutas dos estudantes. Vendo o governo que cedendo acabaria com a luta nessas escolas, assim o faz - e as AEs são reabertas.

Ao fim de pouco tempo só Ciências e Medicina cumpriam a decisão. O isolamento de Ciências facilitou a tarefa do governo. Era a melhor oportunidade para tentar evitar o prosseguimento das lutas, afastando da Faculdade os colegas que mais se tinham empenhado no cumprimento das decisões colectivas. Succesivamente, quase meia centena de estudantes são suspensos, treze dos quais incorporados no exército colonial. As reuniões são proibidas, os cartazes arrancados, a escola é cercada quase diariamente pela polícia. Só muito difficilmente é que se conseguiu retomar de novo o trabalho associativo cá dentro.

O QUE DEVEMOS FAZER

Perante a situação que aqui vem traçada, põe-se imediatamente a questão:

- já definimos quais os nossos objectivos mais importantes,
- pretendemos defender os nossos interesses segundo essa perspectiva.

então por onde começar?

Nós, estudantes de Ciências temos uma experiência anterior muito útil. Através dela podemos ver que só alcançamos vitórias quando estivemos bem organizados, quando lutámos em conjunto, quando nós dispusémos a levar para a frente as nossas decisões.

Neste momento, devemos retomar a organização e actuação colectiva: fazer reuniões sempre que se nos depare algum problema, organizarmo-nos para as tarefas necessárias em cada vez maior número. Todo este trabalho (que é afinal o trabalho associativo) não deve, nem pode ser feito por meia dúzia. Quanto melhor organizados estivermos mais facilmente poderemos levar avante o que pretendemos. Isto, desde os pequenos problemas de feitura de folhas e a organização do desporto até aos conflitos mais graves com os professores e com as autoridades.

CONCLUSAO:

Como já referimos será o dia a dia na faculdade, a participação em todo este trabalho que tornará bem claro aos olhos de toda a gente a justeza das posições que os estudantes têm defendido e pelas quais têm lutado.